



Mídias digitais: uma nova ambiência para a comunicação móvel

Paula Karini Dias Ferreira AMORIM ¹
Darlene Teixeira CASTRO ²

Resumo: este artigo propõe-se apresentar algumas reflexões sobre a nova ambiência interacional emergente a partir das mídias com função pós-massiva, aliadas às tecnologias móveis (dispositivos e redes de comunicação como palms, laptops, GPS, celulares, etiquetas RFID, Wi-Fi, bluetooth). Além disso, procura discutir as principais características das interações sociais que se estabelecem por meio de plataformas online baseadas em tecnologias móveis. As redes de comunicação sem fio criaram uma espécie de novo território que favorece um ambiente de compartilhamento de realidades imaginadas e um espaço simbólico propício à exploração de novas experiências existenciais e sociais. Nesse contexto, a noção de espaço privado e público e de lugar e tempo parece ganhar novas configurações.

Palavras-chave: Mídias digitais, comunicação móvel, interações sociais.

Introdução

Este texto tem a pretensão de identificar as principais características das interações sociais que se estabelecem por meio de plataformas tecnológicas móveis, especialmente, o telefone celular. A abrangência do desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, tem influenciado os meios de criação e de transformação das relações sociais. O desenvolvimento das redes digitais está assentado em dois eixos: um horizontal, onde prevalece a aceleração das transmissões, e outro vertical, onde há uma

¹ Mestre, doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, docente da Fundação Universidade do Tocantins, paula.karini@gmail.com. Este resumo foi submetido ao Grupo de Trabalho 6 – História da Mídia Digital no I Encontro de História da Mídia da Região Norte.

² Mestre, doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, docente da Fundação Universidade do Tocantins, darlenetx@gmail.com.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

intensificação das conexões. A possibilidade de conexão através de tecnologias sem fio (celulares 3G, Wi-Fi, Wi-Max, RFID, GPS, Bluetooth) tem gerado novas transformações nos processos comunicacionais e, por extensão, novos desenhos de relações interacionais.

A emergência do ciberespaço no contexto da sociedade contemporânea traz em seu bojo práticas sociais muitas vezes não planejadas quando da sua concepção. A história da Internet nos mostra que a sua finalidade inicial (fins militares) foi completamente alterada. Hoje pode-se pesquisar, comprar, vender, conversar, votar, namorar, enfim, há um sem-número de ações e atividades que podem ser feitas na Internet. Essas novas práticas são resultam da forma de apropriação das ferramentas tecnológicas. As redes de amplo alcance oferecem, além da interconexão imediata e interfaces multimídia, a possibilidade de pessoas interagirem em tempo real. Essa condição amplia as alternativas de comunicação e alteram o papel do receptor/emissor, que na sua maioria tinha uma ação passiva. As novas possibilidades de comunicação apresentam um cardápio variado em que o processo de comunicação ganha traços diversos. O emissor pode enviar e receber textos, imagens, sons e vídeos simultaneamente com uma ou mais pessoas independentemente do lugar e do tempo. Essa autonomia propicia um solo fértil para a criação de redes sociais. Os participantes criam seus perfis e montam uma lista de outros contatos que desejam manter. As redes sociais mais conhecidas são:

- a) orkut - é o mais usado e conhecido no Brasil, pertence ao Google. Inicialmente os perfis dos usuários eram abertos e qualquer pessoa que tivesse uma conta no site. Depois de uma série de críticas, essa possibilidade foi alterada. O usuário é quem decide se outras pessoas podem ou não ler as suas informações;
- b) twitter – é a nova febre mundial. Em segundo lugar na escala de popularidade no Brasil, é bastante usado pela facilidade e simplicidade. Por meio de pequenas mensagens, os participantes postam o que estão fazendo. O usuário que se inscreve como “seguidor” de outro participante recebe os comentários postados pelo “seguido” através do celular ou pelo computador;

- c) facebook – é o maior site de rede social do mundo. As listas e os perfis dos amigos só podem ser lidos por pessoas previamente autorizadas pelo usuário. As suas funcionalidades são flexíveis e variadas;
- d) sonico – é uma rede social que possibilita ao usuário ter dois perfis, um pessoal e outro profissional, e o acesso às informações pessoais dos participantes é mais restrito, se comparado com o Orkut;
- e) myspace – nesta rede social os perfis dos usuários são abertos. O gerenciamento de arquivos de vídeo, áudio e da personalização das configurações é fácil;
- f) linkedin – é uma rede social específica para fazer contatos profissionais. Geralmente os perfis são formais e parecidos com currículo. As oportunidades de trabalho são descobertas por meio da lista de contatos dos amigos.

As possibilidades de conexão generalizada por meio de redes de amplo alcance e mediada por dispositivos fixos ou móveis como computadores, palms, laptops, GPS, Wi-Fi, Bluetooth, palms, telefones celulares, oferecem condições para que os usuários possam construir o seu próprio ambiente de comunicação e interação social. Atualmente, a compreensão do efeito do uso das comunicações móveis na vida das pessoas tem sido objeto de estudo de pesquisadores das ciências sociais em face da crescente penetração dessa tecnologia em todas as classes sociais. Um dos focos de estudo é o entendimento de onde e como as relações interacionais se estabelecem, seus condicionantes e suas características. Quais as alterações que a comunicação móvel promoveu na forma de as pessoas se relacionarem? Se houve mudança, quais os traços marcantes do processo de interação social? Essas são as questões centrais que a discussão proposta pretende abordar.

O corpo deste texto foi constituído de duas partes: a primeira tratará da fundamentação teórica dos temas: comunicação móvel, espaço urbano e interações sociais na rede. Em seguida, apresenta-se as considerações.

Comunicação móvel e espaço urbano

Há algum tempo o telefone celular deixou de ser um dispositivo de fazer e receber chamadas. Lemos (2007a) afirma que o celular deve ser pensado como um

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes (DHMCM), como forma de ampliar o entendimento material do aparelho e tirá-lo de uma analogia simplória com o telefone. O autor justifica a denominação de DHMCM da seguinte maneira:

O que chamamos de telefone celular é um Dispositivo (um artefato, uma tecnologia de comunicação); Híbrido, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, processador de texto, GPS, entre outras; Móvel, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando por redes sem fio digitais, ou seja, de Conexão; e Multirredes, já que pode empregar diversas redes, como: Bluetooth e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros dispositivos; celular, para as diversas possibilidades de troca de informações; internet (Wi-Fi ou Wi-Max) e redes de satélites para uso como dispositivo GPS. (LEMOSA, 2007, p.25).

A internet móvel através de uma série de gerações têm avançado na disponibilização de funcionalidades que tornam esse aparelho um centro de coordenação de ações. No começo, os sistemas de telefonia móvel eram analógicos. As ligações eram ruins, de baixa capacidade e quase não existia segurança. Depois veio a segunda geração com protocolos digitais e codificação GSM e CDMA. Essas tecnologias possibilitaram alta velocidade para a transferência de vozes, mas era limitada para a transferência de dados. Com a terceira geração, as possibilidades foram ainda mais ampliadas. Com os protocolos 3G aplicações com tipo, tamanho e velocidades ainda mais robustos, que incluem o tráfego de dados, áudio, vídeo e o acesso à internet passam a ser suportadas. (SADEH *apud* KUSCHU; KUSCU, 2003).

No Brasil, segundo dados da Anatel³, existe cerca de 157,5 milhões de usuários da telefonia celular, ou seja, 82,44% da população brasileira faz uso do celular. Esse dado demonstra o sucesso e a popularidade dessa modalidade conversacional. Ribeiro (2005) reflete sobre os aspectos da relação sócio-interacional decorrente do uso da comunicação móvel, o autor sinaliza que as causas que estimulam as pessoas a optarem por essa forma de comunicação são variadas e complexas e que demandariam uma análise individualizada de cada usuário. Contudo, Ling *apud* Ribeiro (2005) destaca

³ Ver Anatel www.anatel.gov.br

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

algumas razões gerais que podem motivar o uso intenso do telefone celular. A primeira é a possibilidade de coordenação das atividades da vida cotidiana, o que amplia e potencializa o planejamento das situações conforme demandas e contextos específicos que vão se revelando com o decorrer dos fatos. A segunda razão é a segurança. Refere-se à certeza de que a comunicação com o outro se efetivará quando necessária, sobretudo, em situações emergenciais. Ribeiro (2005, p. 4) acrescenta que esse fenômeno é um “verdadeiro processo emancipatório, onde as pessoas que circunstancialmente estariam cerceadas de sua plena liberdade de movimentos poderiam, de uma forma mais tranquila, explorar novos espaços, novas possibilidades”. Contudo, Ribeiro (2005) salienta que há outra perspectiva a ser considerada: a possibilidade de controle e vigilância constantes por outros.

Uma situação recente na história política mundial diz respeito a apropriação do twitter como alternativa para coordenar protestos no Irã⁴. Para desviar da censura imposta contra as manifestações sociais que denunciavam fraudes nas eleições para a presidência daquele país, manifestantes utilizaram, via celular, o twitter, SMS e as redes sociais para organizar protestos contra o governo eleito.

O exemplo acima sinaliza o quanto a telefonia móvel pessoal relaciona-se com a ideia de digitalização da vida cotidiana permitindo utilizem com maior intensidade e com novas configurações os espaços urbanos, o que evidencia o rompimento dos limites tradicionais físicos entre os meios convertendo-os em meios “solidários em termos operacionais, e erodindo tradicionais relações que mantinham entre si e com os seus usuários”. (SOUZA et.al., 2005, p. 2).

Para Lemos (2007b) as tecnologias sem fio estão transformando as relações existentes entre as pessoas e os espaços urbanos e criando novas formas de mobilidade. Os tradicionais espaços de lugar, conforme Castells (1999), estão, pouco a pouco modificando as cidades contemporâneas e transformando-as em um ambiente generalizado de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio, criando zonas de conexão permanente, ubíquas, os territórios informacionais.

⁴ Ver <http://info.abril.com.br/noticias/internet/twitter-coordena-protestos-no-ira-17062009-23.shl>

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Lemos (2007a), ressalta que diferentemente dos meios de massa, os meios de função pós-massiva (blogs, os podcasts, os wikis, os fóruns de discussão, os softwares sociais) permitem a personalização, a publicação e a disseminação de informação de forma não controlada por empresas ou por concessões de Estado.

A fase atual fase de mobilidade e das redes sem fio, são caracterizadas por alguns autores como uma nova relação com o tempo, com o espaço e com os diversos territórios. Para exemplificar alguns pensadores e sua respectiva compreensão cumpre citar Giddens (1991) - desencaixe, Deleuze (1980) – desterritorialização, Bauman (2001) - espaços líquidos e Maffessoli (1997) - novos nomadismos (Maffessoli,1997). Nota-se que nesse contexto, entra em cena o choque de limites fronteiriços: identidade, espaço físico, cultura, política e economia.

Para Lemos (2007b), a globalização atual dá a sensação de perdas de fronteiras, de desterritorialização, mas, ao mesmo tempo dá também o sentido de novas territorializações. O mesmo acontece com o desenvolvimento das tecnologias móveis. Estas possibilitam a constituição dos chamados territórios informacionais que, na compreensão de Lemos (2007b) são

[...] áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico. (LEMOS, 2007b, p. 10).

Para se ter uma ideia do que significa, na prática, um território informacional imagine que você esteja numa praia com celular conectado a uma rede Wi-Fi, você estará num território informacional, distinto do espaço físico praia e do espaço eletrônico internet. Ao acessar a internet por essa rede, você estará em um território informacional imbricado no território físico da praia. Conforme Lemos (2007b), o território informacional cria um lugar, dependente dos espaços físico e eletrônico ao qual se vincula. Esse lugar se configura por relações sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional).

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Para Castells (2006), as novas funções pós-massivas constituem uma cultura da mobilidade inédita, com implicações sociais, estéticas, comunicacionais e políticas planetárias. Assim, essa nova forma de comunicação constitui uma nova prática da “comunicação de massa pessoal”, o que significa que o controle individual e o compartilhamento coletivo da informação em mobilidade tem alcance planetário e difusão imediata. Assim, esses novos formatos midiáticos podem criar novas práticas sócio-interacionais que permitem a informalidade e o estabelecimento de laços grupais afetivos, políticos ou étnico-culturais.

Uma vez compreendidos os traços marcantes da comunicação móvel, sobretudo, via telefone celular, bem como algumas implicações nas relações tempo-espaço-lugar. Seguiremos esta discussão voltando a nossa atenção para as características das relações interacionais que se estabelecem via dispositivos móveis, procurando sublinhar peculiaridade decorrentes desse novo formato de conversação.

Interação social

Como vimos até aqui o desenvolvimento e a popularização da Internet têm favorecido os processos sócio-comunicacionais e as estratégias comportamentais usadas pelas pessoas através das inúmeras plataformas online de interação social. Nesse contexto, está a possibilidade de explorar no ciberespaço novos ambientes sociais que possibilitam experimentar, ao mesmo tempo, vivenciar o mundo *offline* e/ou mundo *online*. Fausto Neto (2008, p. 92) sinaliza que “a convergência de fatores sócio-tecnológicos, disseminados na sociedade segundo lógicas de ofertas e de usos sociais produziu, sobretudo nas três últimas décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações”.

A disseminação de novos protocolos técnicos por toda a extensão da organização social, bem como a intensificação de processos transformam as tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Isso significa que reconhecer que a constituição e o funcionamento da sociedade estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a «cultura da mídia». Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações.

Wertheim (2001) destaca que o ciberespaço é um novo lugar para o convívio social e o jogo. Esse espaço é também compreendido como “ambiente de compartilhamento de realidades imaginadas, como um território simbólico propício à exploração de novas experiências existenciais e sociais” (RIBEIRO, 2003). Por não estar vinculado às leis físicas, não está sujeito às limitações dessas leis. Assim, pode ultrapassar barreiras de tempo, espaço, velocidade e alcançar uma a nova geografia não menos real por não ser material.

Novos comportamentos culturais e sociais, especialmente em relação a representação de si mesmo são evidenciados. As redes sociais, por exemplo, constituem um fenômeno original para a utilização inesperada da Internet que satisfaz uma função sócio-cultural que não se havia previsto à época da criação da rede. A Internet permite a seus usuários serem protagonistas. A divisão que separava claramente emissor de conteúdos de receptor está cada vez mais invisível, reforça-se assim a ideia de que o usuário tem à sua disposição uma gama de serviços e possibilidades que, associadas à redes sem fio dá a sensação de liberdade e conexão contínua. É como se as pessoas pudessem estar conectadas o tempo todo em qualquer lugar que tivessem. Pellanda (2008) ratifica essa ideia ao afirmar que os espaços físicos permeados pela rede representam a completude de um dos anseios humanos, a onipresença, em um ambiente de mídia *always on*. A onipresença ocorre pela possibilidade de estar conectado a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de deslocamento físico. Se por um lado a sedutora noção de estar plugado o tempo todo, independente do compartilhamento do espaço físico, é uma característica, por outro, o contexto externo onde os interlocutores estiverem situados é uma variável a ser considerada no processo interacional. Goffman *apud* Ribeiro (2005, p. 5) afirma que “a relação com o ambiente circundante é tão vital que serve de ponto de referência para o próprio estabelecimento dos locais constituintes do processo representacional: a “região de fachada” e a “região de fundo”; que, embora complementares, apresentam-se com características e funções diferenciadas”.

Daí compreende-se a necessidade de se negociar simultaneamente com três conjuntos de influências: (1) a derivada da presença de eventuais parceiros do contexto físico e social imediato; (2) a originária das particularidades presentes na comunicação social mediada; e (3) a decorrente da flutuação dos ambientes físicos referenciais Ribeiro (2005).

A discussão anterior reforça a noção de que na rede pode-se experimentar novas identidades, graças ao intercâmbio que se estabelece à margem de toda a implicação física e de maneira totalmente anônima, desencarnada e síncrona. A superposição de identidades pessoais virtuais ou reais apresenta níveis inéditos de expressão que funciona como um revelador de forças e tendências escondidas na sociedade. A tendência à despersonalização da própria identidade cria outra dinâmica que permite multiplicar as identidades virtuais de cada indivíduo a um número quase infinito de pseudônimos. Daí o surgimento de códigos de conduta sobre as identidades digitais e sua relação com a identidade social. Diante desse quadro, apenas mencionaremos, visto não ser objeto desse trabalho, os aspectos susceptíveis (e negativos) decorrentes das relações interacionais na rede e também bastante discutidos por estudiosos da área de adulterações, falsificações, imitações, dissimulações, isolamento e superexposição.

Considerações finais

Este artigo teve como finalidade lançar um olhar sobre o entendimento das características das relações interacionais que se estabelecem no contexto do ciberespaço. Nota-se que por meio das redes de comunicação sem fio criou-se uma nova ambiência, uma espécie de novo território, novo ambiente flutuante ambiente de compartilhamento de realidades imaginadas, como um território simbólico propício à exploração de novas experiências existenciais e sociais. A noção de espaço privado e público e de lugar e tempo parece estar sendo reconfigurada, daí a necessidade de se gerenciar as influências decorrentes do contexto externo, da referência física externa e flutuante.

As interações sociais que se dão via celular são modalidades conversacionais que ampliam a comunicação descentralizada, multiplicam a capacidade de circulação de

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

informações, alteram a noção de tempo e espaço e requerem novas articulações sociais. Tudo isso aliado à liberdade do usuário poder renegociar suas atividades a partir dos novos fluxos, o que denota a ampliação e flexibilização do planejamento das suas ações. Outra característica da interação social através de dispositivos móveis é a sensação de conexão contínua. Assim, novas combinações sociais são possíveis e potencializadas pelas tecnologias móveis, o que complexifica, mas não desordena a interação social nas teias da comunicação móvel.

Referências

Castells, Manuel. **Sociedade em Rede**. vol. 1, 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma «analítica» da midiatização**. Revista Matrizes, n. 2, abril, 2008.

KUSHCHU, Ibrahim; KUSCU, M. Halid. **From E-government to M-government: facing the inevitable**. Disponível em <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&client=firefox-a&rls=org.mozilla%3Apt-BR%3Aofficial&hs=41e&q=From+E-government+to+M-government%3A+facing+the+inevitable&btnG=Pesquisar&meta=>> Acessado em 12 de junho de 2009.

LEMOS, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. COMPÓS, Baurú, SP, junho de 2006.

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**. Revista Comunicação Mídia e Consumo, v. 4, n. 10, jul., p. 23-40, 2007a.

LEMOS, André. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais**. Revista Matrizes, n. 1, out, 2007b.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

RIBEIRO, José Carlos. **Reflexões sócio-interacionais do uso da comunicação móvel**. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación, 2005, Cidade do México. V Bienal Iberoamericana de la Comunicación, 2005.

RHEINHOLD, Howard. **La comunidad virtual: uma sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa, 1996.

SOUZA, Leonardo; et.al. **Cidades Digitais, Telefonia Móvel e Interação Social na Sociedade Brasileira Contemporânea**. Disponível em

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

<www.razonypalabra.org.mx/antiores/n49/bienal/.../CidadesDigitai1.pdf> Acessado em 20 de junho de 2010.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.